

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Araraquara - SP

PAULA CAMILA ARGENTI

SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO SEXUAL E GÊNERO: uma
análise destas temáticas nas produções de um
Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual



ARARAQUARA – S.P.

2018

PAULA CAMILA ARGENTI

**SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO SEXUAL E
GÊNERO:** uma análise destas temáticas nas
produções de um Programa de Pós-Graduação
em Educação Sexual

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre, em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, Sexualidade e Diversidade na Formação de Professores.

Orientador: Débora Raquel da Costa Milani

ARARAQUARA – S.P.

2018

Argenti, Paula Camila
Sexualidade, educação Sexual e Gênero: uma análise
destas temáticas nas produções de um Programa de Pós-
Graduação em Educação Sexual / Paula Camila Argenti -
2018
78 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação
Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Débora Raquel da Costa Milani

1. Educação Sexual . 2. Sexualidade. 3. Gênero. 4.
Formação Docente. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO SEXUAL E GÊNERO: uma análise destas temáticas nas produções de um Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, Sexualidade e Diversidade na Formação de Professores.

Orientador: Débora Raquel da Costa Milani

Data da defesa: 28/02/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof.^a Dr.^a Débora Raquel da Costa Milani
Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara.

Membro Titular: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina
Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara.

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Marcia Regina Onofre
Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

*À minha família por acreditar que eu poderia alcançar meus objetivos.
Ao meu pai, Marcelo, por sempre iluminar meus passos.
Ao meu noivo Rafael.*

AGRADECIMENTOS

É tão gratificante ler os agradecimentos de dissertações e teses. Acredito que mostram sentimentos tão sinceros por aqueles que de alguma forma estiveram ao nosso lado, seja de perto ou de longe, no decorrer de mais uma etapa conquistada.

Agora chegou a minha vez de fazer esses agradecimentos. É o momento de ser grata a todos que de alguma forma contribuíram para a realização desta pesquisa.

Trago em meu coração pessoas ímpares que buscaram comigo este percurso e pelas quais tenho uma imensa e eterna gratidão. Agradeço desta forma,

A Deus, pelo dom da vida, por conceder sabedoria nas minhas escolhas, por me dar força para não desistir naqueles momentos mais difíceis.

À Professora Dra. Débora Raquel da Costa Milani, orientadora especial. Pela paciência, confiança, dedicação, competência e, sobretudo, pelas orientações preciosas e essenciais para a realização deste estudo. A você, minhas sinceras manifestações de admiração e respeito. Serei eternamente grata por toda a sua cumplicidade e parceria.

Ao Professor Dr. Fábio Tadeu Reina e à Professora Dra. Marcia Regina Onofre pelas orientações na qualificação que foram essenciais para aprimorar a minha pesquisa. E agora pelo aceite em finalizar essa jornada na minha banca de defesa. Vocês foram fundamentais.

Agradeço, de modo especial, a todos os docentes do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, pelas ricas contribuições nas aulas, que foram de grande importância para reflexões e para construção da minha pesquisa.

À minha mãe, Juliana, pelas orações, pelos incentivos, pelas preocupações, pelo amor incondicional.

À minha pequenina companheira, Maria Clara, por fazer transbordar amor, por me compreender e por me dar forças e entender minhas ausências. Minha motivação!

Ao meu amado noivo e futuro esposo, Rafael, que pacientemente acompanhou a construção deste trabalho e me amparou nos momentos de dúvidas, angústias, e por não me deixar desistir. Obrigada pelo amor, cuidado, carinho e compreensão.

Aos meus avós, Marlene e Idio, pelo amor e apoio, obrigada por acreditarem em mim. Agradeço pelas orações, e pelas preocupações. Serei grata eternamente!

Aos meus avós, Josefina e João, pelo carinho e pelo apoio constante. Vocês foram essenciais!

Aos meus familiares, primos, primas, tios, tias, não poderia deixar de registrar o meu afeto. Obrigada pela solidariedade e por compreenderem minha ausência em alguns momentos.

À minha amada tia, Marcia Argenti Perez, pela amizade, pela presença carinhosa em momentos especiais de minha vida, pelas orientações, pela dedicação e pelo amor incondicional. Você foi fundamental para eu ter forças e acreditar que eu poderia chegar até aqui. A você, minhas reais manifestações de admiração e respeito. Minha referência!

Aos amigos e colegas de Pós-Graduação, por tornarem a caminhada mais leve e alegre. Pelas trocas, conselhos, pelos momentos excelentes vivenciados ao longo desses dois anos de estudo.

À minha querida amiga, companheira de orientação e estudo, Juliana Cristina da Fonseca Baptistini, que acompanhou de perto este processo tão sonhado e ao mesmo tempo tão árduo. Agradeço pelo carinho, pelo incentivo, pelas dúvidas compartilhadas e pela parceria.

À minha amada amiga Gabriela Natalia da Silva, pelos momentos de estudo, companheirismo e risos. Obrigada pela amizade!

Aos meus colegas de serviço, e a escola COEDUCAR, por todo o apoio e incentivo, e por contribuírem diariamente com as trocas de experiências.

A UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, por me acolher e por ser responsável pelo meu crescimento intelectual. Sinto orgulho por fazer parte da história desta instituição.

Com todos vocês, reparto a felicidade e a satisfação de ter chegado até aqui, foram dias difíceis, noites sem dormir, cansaço, porém vitórias!

O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA

Tenho um livro sobre águas e meninos.

Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento
e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.

Quis montar os alicerces de uma casa de orvalhos.

A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio.

Falava que os vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito
porque gostava de carregar água na peneira.

No escrever o menino viu que era capaz de ser
noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.

E começou a dizer peraltagens.

Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando ponto final na frase.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios.

Até fez uma pedra dar flor!

A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta.

Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios com as suas peraltagens
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos. (Barros, 1999).

RESUMO

Considerando a sexualidade uma construção histórica, social e cultural buscamos mostrar primeiramente como ela é construída levando em consideração que a esta é inseparável ao desenvolvimento humano. A sexualidade está em nossas vidas desde o dia em que nascemos e nos acompanha até a nossa morte. Somos educados por meio de concepções construídas culturalmente que são reproduzidas em espaços sociais como na igreja, na família, na escola, entre outros que influenciam o indivíduo enquanto ser em constante formação. Destacamos a escola como espaço social essencial para construir um processo de ensino aprendizagem sobre conhecimentos ligados a sexualidade que leve a uma Educação Sexual pautada na diversidade. Diante do exposto, esta pesquisa de cunho bibliográfico, tem como objetivo verificar como a Sexualidade, a Educação Sexual e a relação de gênero são apresentadas nas produções científicas da Pós-Graduação em Educação Sexual na UNESP de Araraquara. Considerando que este programa produz conhecimentos científicos relevantes para todos os envolvidos na educação formal ou informal, por ser o primeiro no Brasil a proporcionar a especificidade de pesquisas voltadas também a Educação Sexual. Os resultados da análise das dissertações selecionadas nesta pesquisa nos possibilitaram enxergar que os pontos que se sobressaem são às análises das concepções de educadores acerca das temáticas de Sexualidade, Educação Sexual e Gênero e a constatação das lacunas presentes na formação docente inicial e continuada. Verificamos também que são poucos os estudos que apresentam, para além do mapeamento de concepções de educadores, algumas possibilidades de estratégias e ações de intervenção no universo investigado. Em suma, concluímos que o presente estudo constata a expressiva contribuição das pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual no tocante à educação sexual e a formação de professores nos diferentes níveis de ensino.

Palavras – chave: Educação Sexual. Sexualidade. Gênero. Formação Docente.

ABSTRACT

Considering sexuality a historical, social and cultural construction we seek to show first how it is constructed taking into account that it is inseparable from human development. Sexuality is in our lives from the day we are born and accompanies us to our death. We are educated through culturally constructed conceptions that are reproduced in social spaces such as church, family, school, among others that influence the individual while being in constant formation. We emphasize the school as an essential social space to build a process of teaching learning about knowledge linked to sexuality that leads to sexual education based on diversity. In view of the above, this bibliographic research aims to verify how Sexuality, Sexual Education and gender relations are presented in the scientific productions of the Post-Graduation in Sexual Education at UNESP in Araraquara. Considering that this program produces scientific knowledge relevant to all those involved in formal or informal education, because it is the first in Brazil to provide the specificity of research focused on Sexual Education. The results of the analysis of the selected dissertations in this research allowed us to see that the salient points are the analyzes of educators' conceptions about the themes of Sexuality, Sex Education and Gender and the verification of the gaps in initial and continuing teacher training. We also verified that there are few studies that present, besides the mapping of educator conceptions, some possibilities of intervention strategies and actions in the investigated universe. In conclusion, we conclude that the present study confirms the significant contribution of the researches of the Graduate Program in Sexual Education in relation to sexual education and the training of teachers in the different levels of education.

Keywords: Sexual Education. Sexuality. Gender. Teacher Training.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Produções das duas primeiras turmas do programa.....	p. 47
Quadro 2	Pesquisas selecionadas para análise.....	p. 56
Quadro 3	Mapeamento das especificidades temáticas: sexualidade, educação sexual e gênero nas pesquisas selecionadas para análise.....	p. 66
Quadro 4	Similaridades e diferenças nas pesquisas analisadas sobre sexualidade, educação sexual e gênero.....	p. 70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
APCN	Aplicativos de Propostas de Cursos Novos
BEMFAM	Sociedade Civil Bem Estar Familiar no Brasil
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCPG	Comissão Central de Pós-Graduação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
EAD	Educação à Distância
FCL	Faculdade de Ciências e Letras
LASEX	Laboratório de Ensino e Pesquisa em Educação Sexual
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NUSEX	Núcleo de estudos da Sexualidade
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGEdEsc	Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar
PPGEdSex	Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1.1 Justificativa	16
1.2 Problemas de Pesquisa	17
1.3 Objetivos	17
2 A SEXUALIDADE NO ÂMBITO CONCEITUAL E PEDAGÓGICO	19
2.1 Sexualidade e docência	20
3 A EDUCAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO POLÍTICO	26
3.1 A importância da Educação Sexual	29
4 A EDUCAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO ESCOLAR	33
5 O GÊNERO NO ÂMBITO ESCOLAR	38
6 PERCURSO HISTÓRICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL (PPGEdSex)	42
7 PERCURSO METODOLÓGICO	47
8 PRODUÇÕES E ANÁLISE DOS TRABALHOS ACADÊMICOS	56
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	75

APRESENTAÇÃO

Escrever uma dissertação de mestrado não é uma tarefa fácil, por isto acredito que algo deve nos mover diante da temática escolhida para a pesquisa. O interesse pelo campo da educação sexual começou quando eu era aluna do curso de Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos, estava no quarto ano e uma disciplina optativa me trouxe uma vontade de ir além, de enxergar as entrelinhas das relações sociais dentro do ambiente escolar. Nesta disciplina, intitulada Educação, Gênero e Sexualidade percebi que muitas de nossas atitudes estão enraizadas na nossa criação, advinda de forma cultural, e muitas coisas que me incomodavam começaram a fazer sentido e fazer com que pudéssemos refletir enquanto futuros docentes. A disciplina foi apenas um passo para querer saber mais, refletir, ouvir, sentir como eu poderia trabalhar a educação de forma integral.

Alguns meses depois dentro de uma instituição de ensino eu estava lecionando como professora de apoio pedagógico, atendia crianças com dificuldades de aprendizagem, e muitas das justificativas vindas das professoras me trazia desconforto, questões de gênero como falar que a menina que não caprichava na letra tinha que treinar caligrafia porque sua letra parecia com a de um menino, o menino que não conseguia se desenvolver pedagogicamente era normal, afinal era menino e menino demora mais para amadurecer. Outra situação que presenciei diversas vezes foi a de crianças de cinco anos brincando na brinquedoteca da escola e a professora se incomodava quando algum menino queria se fantasiar de princesa, isso resultava em conversas entre as docentes e auxiliares onde colocavam em dúvida a orientação sexual da criança.

Essas situações me levaram a buscar explicações plausíveis para intervir de forma reflexiva com minhas colegas de trabalho e com as crianças porque muitas vezes eu também não sabia como agir diante de situações que envolviam a esfera da educação sexual.

Fomos educados em um sistema binário, onde nos ensinaram a ser meninos e meninas, homens e mulheres. Essa padronização de ser e agir, nos leva a acreditar que não existem outras maneiras de ser, bem como pensar que só existe uma forma de vivenciar a sexualidade. Deste modo, toda e qualquer atitude é vista como anormal, problemática, ou até mesmo como uma patologia. Os diferentes agentes de socialização reproduzem e formam as idealizações de feminino e masculino, mostrando dificuldades em aceitar ou abranger a diversidade.

Formei-me Pedagoga e distanciei-me desta temática, porém em pouco tempo as situações no ambiente escolar voltavam a me tocar e precisava pensar em algo para levar as/os professoras/es a refletirem sobre o trabalho da educação sexual desde a educação infantil.

Ao entrar no mestrado meu projeto inicial era verificar se as questões de gênero nas relações professor/aluno interferiam de alguma forma no desenvolvimento pedagógico do/a aluno/a. Porém no meio do caminho assumi a coordenação pedagógica da educação infantil na instituição escolar na qual já trabalhava e então percebi que precisava dar suporte às professoras nas questões ligadas a educação sexual e assim quis pesquisar o que o Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual já havia produzido sobre formação docente inicial e continuada na área da educação sexual. Se existe uma falha na formação desses docentes precisamos tornar visível aquilo que já foi pesquisado e levar esses trabalhos para o ambiente escolar, caso contrário acredito que vamos sempre reproduzir aquilo que nos foi passado, carregando uma cultura de modelos prontos.

É fato que a educação escolar deveria ser capaz de formar o indivíduo para o exercício da cidadania plena, contribuindo assim para a diminuição das desigualdades e das injustiças sociais.

Porém, as lacunas presentes na formação docente diante da temática da educação sexual torna deficitário tal efeito, dependendo diversas vezes de especialistas para preencher essa lacuna curricular. Além disso, as ações em educação sexual, mesmo propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), não tem respaldo diante da legislação e acabam se tornando assuntos superficiais, podendo até reforçar aspectos que no documento propõem se a combater.

É no ambiente escolar “que a maioria de nós aprende o que é socialmente prescrito como forma correta de desejar, o que é reconhecido como amor e, por conseguinte, o que é rejeitado como inaceitável e abjeto” (Miskolci, 2010, p.91). A educação escolar não é sexualmente neutra. Nos objetivos escolares estão implícitos conceitos, opiniões e normas que refletem o contexto social e político hegemônico. Mesmo que por um olhar superficial, percebe-se a forma como os materiais didáticos e os discursos dos docentes são sexualmente politizados e estão interligados a um conjunto de símbolos de gêneros e sexuais.

É preciso que o docente esteja atento às dinâmicas presentes em sala de aula a agir de forma pontual, segura e comprometida com uma sociedade mais justa e democrática. Segundo Miskolci (2010):

A abordagem de forma respeitosa e sem preconceitos de questões de gênero e práticas sexuais pode criar um ambiente de convivência e aprendizado útil para todos. Afinal, a diferença não precisa ser uma marca, uma categoria ou um estigma, mas algo que nos faça repensar velhos modelos em benefício de uma visão mais plural e democrática sobre a diversidade afetiva e sexual do presente. (p.87)

Diante deste contexto, este trabalho pretende promover uma análise bibliográfica de oito dissertações defendidas no período de 2015 a 2017, que abordam especificamente as temáticas de educação sexual, sexualidade, gênero e docência nas instituições de ensino, referentes às duas primeiras turmas do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual na UNESP de Araraquara.

1.1 Justificativa

A necessidade de ações frente à educação sexual nas escolas é urgente e isso se faz visível diante de diversas situações. A promoção da temática nas escolas é uma questão de respeito aos direitos humanos e também de saúde pública. Isto significa que não podemos abordar somente conteúdos básicos – as doenças sexualmente transmissíveis em uma relação sexual sem prevenção, ou até mesmo uma gravidez indesejada – deve ser trazido questões ligadas a gênero, enfrentamento à violência contra a mulher, identidade, sentimentos, comunicação, família, diversidade sexual e sexualidade.

Em suma, a escola ainda não está capacitada, ou consciente, para trabalhar com temas que envolvem a educação sexual. Isso se torna claro, quando frente a estatísticas encontramos grande número de adolescentes grávidas, ou diante da rotina escolar, marcada por relações de poder que marcam a diferença. Desta forma, a justificativa desta pesquisa sustenta-se na divergência da demanda que encontramos por práticas voltadas a sexualidade com a ausência de iniciativas neste âmbito.

1.2 Problemas de Pesquisa

Segundo Gil (2008, p.33), problema de pesquisa é entendido cientificamente como “qualquer questão não resolvida e que é objetivo de discussão, em qualquer domínio do conhecimento”. Assim, entende-se que o problema de pesquisa é o primeiro passo na investigação.

A presente pesquisa se estruturou a partir de inquietações que permeavam a minha vida profissional e acadêmica. Essas inquietações podem ser representadas pelas seguintes perguntas:

- Quais as contribuições do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual para a educação escolar?
- Quais contribuições nós pesquisadores/as podemos promover para os docentes para tornar a educação sexual efetiva na instituição de ensino na qual lecionam?

Esses questionamentos ajudaram a delinear os objetivos desta pesquisa.

1.3 Objetivos

Segundo Ferrarezi (2013), os objetivos visam o que pretendemos com a pesquisa, de uma forma mais ampla com o objetivo geral, e através de seu desmembramento os objetivos específicos que nos permite visualizar as diferentes etapas da pesquisa.

A presente pesquisa foi pautada no objetivo geral de verificar como a Educação Sexual e a relação de gênero são apresentadas nas produções de Pós-Graduação em Educação Sexual na UNESP de Araraquara.

Colocamos como objetivo específico, ou seja, o caminhar da pesquisa, que nos permitem atender ao objetivo geral a seguinte questão:

- Analisar as dissertações das duas primeiras turmas do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual que abordem a temática sexualidade, educação sexual e gênero diante do ambiente escolar;

2 A SEXUALIDADE NO ÂMBITO CONCEITUAL E PEDAGÓGICO

A sexualidade está em nossas vidas desde o dia em que nascemos e nos acompanha até a nossa morte. Vivemos a sexualidade em todos os contextos aos quais temos acesso: em casa, na escola, na Igreja, com os amigos, nos meios de comunicação. Logo, nada mais saudável do que a escola abordar assuntos relativos à sexualidade com naturalidade, pois, ao omitir esse aspecto tão natural de nossas vidas, os alunos inferem que sexo é um assunto vergonhoso ou proibido e decidem procurar por si mesmos informações que podem aparecer deturpadas.

A sexualidade não é um conceito estático e imutável. Pelo contrário, sofre influências do tempo, do espaço e do movimento da sociedade; assim, podemos dizer que a concepção de sexualidade é histórica.

A sexualidade é constituída de múltiplos significados e envolve mitos, crenças, tabus, preconceitos, comportamentos e concepções religiosas. Assim, a sexualidade é construída e desconstruída nas relações sociais, já que não é cristalizada e fixa, e sim vivenciada na transitoriedade e no movimento entre o tradicional e o moderno.

Conforme nos apresenta Maia e Ribeiro (2011),

A sexualidade é um conceito amplo e histórico. Ela faz parte de todo ser humano e é representada de forma diversa dependendo da cultura e do momento histórico. A sexualidade tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e, em modo objetivo, em padrões sociais que são aprendidos e apreendidos durante a socialização. (pp.75-76).

Neste sentido, a sexualidade está intimamente ligada às nossas vidas, é intrínseca ao nosso desenvolvimento social, cultural, psicológico, biológico, por esta interpretação podemos dizer que ela constitui um elemento indispensável à vida do ser humano.

Nas palavras de Figueiró (2001), a sexualidade não pode permanecer restrita a uma abordagem biologizante, pois é uma dimensão essencial humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais.

2.1 Sexualidade e docência

Na escola a sexualidade também está presente. É esperado que os docentes contribuam através de reflexões sobre a temáticas junto aos alunos, orientando-os e fazendo questionamentos, desfazendo preconceitos e tabus.

Desta forma, cabe ao professor construir diálogos sobre a sexualidade no ambiente escolar, criando de acordo com Figueiró (2006),

...oportunidades várias de reflexão, para que os alunos pensem e discutam com os colegas, a fim de que formem sua própria opinião sobre o sexo pré-matrimonial, masturbação, homossexualidade e aborto, entre outros. Cabe também ao professor fazer com que os alunos tenham acesso a informações claras, objetivas e científicas sobre sexualidade. (p. 2).

Segundo Leão (2009), o papel do professor é muito relevante, pois ele possui contato direto com o aluno, diante deste convívio é possível avaliar as dúvidas, as inquietações e as necessidades do aluno frente a este tema. De todo modo, o docente pode ajudar ou ignorar estas questões. Assim, nos dois casos, este docente pode estar contribuindo de forma positiva ou negativa à educação sexual do educando.

Segundo Figueiró (1999), em suas práticas e convivência direta com docentes, notou que eles vêm enfrentando com várias situações ligadas à manifestação da sexualidade, que necessitam de conhecimentos e habilidades específicas e, portanto, habilidades para saber aproveitar as oportunidades que surgem, a fim de ensinar a partir delas.

Porém, nota-se que, mesmo existindo essa preocupação, os docentes priorizam uma abordagem biológica da sexualidade. Esta área é importante, mas não pode ser a única para esclarecer as demandas relacionadas à sexualidade.

O professor tem a responsabilidade de formar, informar, debater, pesquisar, refletir sobre diversos temas, bem como dar possibilidades de que o educando amplie seu conhecimento a respeito das diferentes culturas e valores que existem nos diversos grupos sociais.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997),

...o professor deve saber antes de tudo que é legítimo e lícito, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades que são manifestas acerca da sexualidade, e essas fazem parte de seu processo de desenvolvimento. (p.123).

Portanto, para que o programa de educação sexual alcance os objetivos propostos dentro da escola, o educador deve estar envolvido na adoção de uma perspectiva mais abrangente de sexualidade e conhecer seu papel sexual, combater seus tabus e preconceitos,

analisar as questões biológicas, psicológicas, sociais, morais e políticas que envolvem o assunto, sempre estimulando o respeito às diversidades, desta forma, possibilita uma postura mais aberta de escuta. Sendo assim, para uma educação sexual adequada, deve-se compreender que,

...educar sexualmente é muito mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade; educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos; para educar sexualmente é preciso saber ouvir; o aluno deve ser visto como sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas; o professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos. (Figueiró, 2006, p.7).

É essencial que o professor tenha uma conduta ética perante seus alunos e deve saber respeitar as diferentes opiniões sem impor suas concepções e interpretações do mundo. Os PCNs (1997) sugerem que o educador, ao orientar os processos de reflexão, proporcione ao aluno independência para escolher seus valores, saber se colocar frente a determinados assuntos e aprofundar seus conhecimentos. Segundo Braga (2009),

...além da própria experiência pessoal, os(as) educadores(as) precisam de uma mudança de atitude, quererem aprender, abrirem-se ao desafio... Necessitam participar de cursos, debates, grupos de estudos, entre outras atividades de capacitação, possibilitando assim uma troca de experiências entre o grupo profissional. (p.133).

Sendo assim, os estudos da área indicam que os professores devem se preparar para dialogar com naturalidade em um ambiente propício que estimule a confiança dos jovens: a sala de aula.

O educar deve sempre estar em busca de informações científicas. Como nos mostra Guimarães (1995), se os professores não trabalham a temática com segurança ou se sentem constrangidos ao falar sobre sexualidade em sala de aula, a aula não acontece. Assim, o autor trás a favor da sistematização das aulas sobre sexualidade, com recursos que facilitem a aprendizagem sobre o tema, sejam dinâmicas, ou um bate papo com os alunos.

Para que todo esse processo ocorra de forma organizada, é fundamental que o professor crie uma relação de cumplicidade com o educando, se faz necessário mostrar ao educando que o docente se interessa pelas questões abordadas pelos alunos, se preparando para que não emita juízos de valor e assim respondendo às suas indagações de forma direta e esclarecedora.

De acordo com Camargo e Ribeiro (1999), a formação dos professores deveria abranger falas e vivências sobre a sexualidade humana, aguçar as possibilidades do corpo e das emoções, abordar o processo educativo sob um olhar que contemple as várias dimensões, considerando o “eu” interior e a comunicação de suas próprias práticas.

O trabalho de educação sexual é proporcionar questionamentos acerca das próprias noções de sexualidade dos próprios professores, os professores devem conhecer a própria sexualidade, pois,

...é obvio que o professor será confrontado com a própria sexualidade e as maneiras que encontrou ao longo da vida para lidar com as suas exigências... Alguém excessivamente inibido ou tímido em relação à sua própria sexualidade poderá

encontrar dificuldades, assim como alguém que esteja atravessando um período doloroso de crise afetiva. (KUPERMANN, 1999. pp.94-95).

Conforme nos afirma Figueiró (2001), no processo de formação do professor, é preciso “levá-lo a olhar para dentro de si próprio e repensar-se como pessoa, refletindo sobre os momentos de seus percursos pessoais e sobre o seu cotidiano da prática pedagógica.” (p.270). Nesse sentido, Ribeiro (2002) alerta sobre a importância de uma formação profissional adequada, que instrumentalize os docentes com um aparato científico consistente.

Ressaltando a importância desta instrumentalização científica dos docentes encontramos também nos PCN (2000, p. 123) o alerta que “é necessário..., que o educador tenha acesso à formação específica para tratar da sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema.”

Frente a essa necessidade, os PCN (1998) são uma importante ferramenta aos professores, os quais “devem reconhecer como legítima e lícita a busca do prazer, mostrando-se disponíveis para abordar as questões referentes a esses temas, da forma mais esclarecedora possível.” (p.302).

Segundo Figueiró (2001), é necessário que os professores compreendam e reconheçam de que é função da escola ensinar sobre sexualidade para os alunos e, que esta venha acompanhada pela sensação de satisfação no que se está ensinando, tornando-a, assim, um trabalho entusiasta e não somente vinculando a problemas sociais, como a gravidez na adolescência e a contaminação por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), mas pelo fato de que é função da escola fazer parte do processo de formação integral do aluno.

De todo o modo, entende-se a educação sexual como um desafio a ser alcançado pelos gestores e professores que trabalham diariamente com crianças de qualquer faixa etária. No entanto, em vez de defender o enfoque biológico da sexualidade, é preciso afirmar que a educação sexual seja abordada na multiplicidade da sua constituição, como elemento inerente à vida e imprescindível para a formação integral da criança. Nessa perspectiva, um dos aspectos centrais desse processo educacional é a qualificação e preparação adequada dos docentes, bem como a adoção de práticas transversais de ensino onde o educador consiga separar opiniões pessoais de conceitos científicos, é necessário reflexões e intervenções diárias em um trabalho efetivo com a educação sexual.

3 A EDUCAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO POLÍTICO

O primeiro documento oficial dando legitimidade as questões da sexualidade através do tema transversal foi os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997), este documento menciona que em 1990 o Brasil participou de uma conferência em nível internacional, a Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia, na qual foi convocada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e Banco Mundial. Neste encontro, tornou-se universal a educação fundamental e, assim, aumentaram as possibilidades de conhecimento para crianças, jovens e adultos.

Levando em consideração o momento em que o país se encontrava no tocante a educação, o Ministério da Educação e do Desporto cria o Plano Decenal de Educação para Todos, que veio a contribuir com todo um processo voltado para as escolas de educação fundamental, firmou compromisso com a qualidade e a avaliação dos sistemas escolares, persistindo em seu constante aperfeiçoamento, adequando os parâmetros para uma educação curricular capacitada a estimular as ações educativas do ensino obrigatório, garantindo, assim, o nível de aprendizagem escolar, priorizando o ensino fundamental. Dessa maneira, institucionalizam-se como princípio de base nacional comum os Parâmetros Curriculares Nacionais, a ser complementado por uma parte diversificada.

Os PCN começaram a ser elaborados em conjunto com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB 9394/96), porém somente dois anos após a elaboração que as escolas tiveram contato com o material e deram início aos estudos para iniciar a aplicação.

Conforme nos esclarece Figueiró (2013),

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem uma publicação organizada em vários volumes que traz as diretrizes para cada estado, cada município e cada escola organize seu currículo, isto é, um conjunto de conteúdos, atitudes e habilidades que vai ensinar a seus alunos, de forma que sejam assegurados muito pontos essenciais do desenvolvimento pessoal e intelectual na formação dos estudantes, de Norte a Sul do país, levando em consideração as especificidades e necessidades peculiares de cada região e de cada realidade. (p.104).

Assim, o Ministério da Educação organiza o tema educação sexual como tema transversal nos PCN diante de vários volumes e designa que cada instituição monte seu currículo, buscando atender a demanda da sociedade envolvida.

Os Parâmetros estão vinculados à construção da cidadania e envolvem valores éticos, respeito, solidariedade, responsabilidade, liberdade, autonomia, princípios políticos, direitos e deveres da vida cidadã. É de extrema importância que os sujeitos sejam capazes de respeitar as opiniões diversas e garantir seus direitos.

Desta forma, os PCNs estão organizados em dez áreas de conhecimento, conforme apresento a seguir: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais; Língua Portuguesa; História e Geografia; Matemática; Ciências Naturais; Educação Física; Arte; Apresentação dos Temas Transversais e Ética; Meio Ambiente e Saúde; Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Em cada volume o texto traz a clareza do que deve ser ensinado em cada ano escolar. Esse documento deve ser usado como um norte para os planos de aula.

Os temas transversais contemplados nos PCN interagem às áreas de conhecimentos convencionais.

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimento teoricamente sistematizados [aprender sobre a realidade] e as questões da vida real [aprender na realidade e da realidade]. (PCN, 2000, p.40).

Deste modo, como nos mostra Figueiró (2013), os temas transversais possuem conteúdos essenciais para a sociedade, que devem ser inseridos nos currículos de maneira “transversal”, ou seja, “... não como uma área específica de conteúdos, não como uma matéria específica, mas como conteúdo a ser ministrado no interior de várias áreas do conhecimento, perpassando cada uma delas.” (p.105).

De acordo com o texto dos PCN que aborda a questão da transversalidade da sexualidade, orienta o educador que a abordagem deve acontecer de forma sistemática, simples e direta, com o objetivo de orientar processualmente a aprendizagem e o desenvolvimento humano nos aspectos psicofísico, sociocultural, político e econômico.

Assim, o trabalho no campo da sexualidade é organizado diante de duas formas gerais, “o trabalho de orientação sexual deverá, portanto, se dar de duas formas: dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo e, extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema.” (PCN, 2000, p.129).

Encontramos no texto dos Parâmetros (1997) que abordam a sexualidade, uma listagem com sugestões de temas/conteúdos a serem trabalhados, organizados em blocos. Sendo eles: corpo-matriz da sexualidade, relações de gênero e prevenção às DST/AIDS.

Diante desses blocos, Paiva (2000) afirma que dificilmente o sexo seguro, com o uso da camisinha, seja incorporado se não forem trabalhadas as relações de gênero durante a atividade educativa de prevenção, as práticas educativas desta forma, devem ser

contextualizadas e trazidas para a realidade do educando para que tenha sentido a aprendizagem.

Deste modo, o trabalho deve observar e respeitar as diferenças culturais, a diversidade de expressão da sexualidade e a valorização de cada indivíduo, envolvendo dimensões da saúde e da afetividade.

Segundo Ribeiro (2004), os PCN trouxeram à tona resultados de discussões que vêm acontecendo há anos, por meio de Conferências Internacionais, Congressos e Encontros de caráter político/científico. Dessa forma, abre-se a possibilidade das escolas brasileiras olharem para o planejamento pedagógico e refletir acerca da sexualidade.

Diante da extrema importância da educação sexual na escola e de como ela pode ser aplicada na condição de tema transversal aos PCN, iremos contextualizar as discussões em torno da educação sexual, da sua caracterização e das suas funções diante da formação integral do ser humano.

3.1 A importância da Educação Sexual

Segundo Camargo e Ribeiro (1999) a educação sexual não é uma simples prática educacional, porém a mesma deve ser integrada ao currículo de cada proposta escolar.

Analisando a história da educação sexual no século XX, nota-se momentos de conquistas e recuos. Nessa perspectiva, Guimarães (1995) afirma que a história da educação sexual no Brasil se apresenta em “... movimentos isolados e esparsos, que ocorrem de um modo esporádico.” (p.68).

Na década de 1980 nosso país se mostrava mais aberto à implantação da educação sexual em razão do surgimento de problemáticas sociais como a AIDS e o aumento dos casos

de gravidez na adolescência, entre outros fatores. Diante deste cenário foi possível uma participação mais efetiva de profissionais da saúde nos estudos, pesquisas e intervenções envolvendo então as questões vinculadas à educação sexual.

Além dos profissionais da saúde, a temática também chamava a atenção dos profissionais da psicologia e da educação em decorrência de uma abertura política mais abrangente. Na escola, a temática era discutida em palestras, encontros, debates ou mesmo nas aulas de ciências, através do conteúdo de reprodução humana.

Ao consultar os Parâmetros (1997), podemos ver que a educação sexual contextualizada abre a possibilidade para novos conhecimentos e estimula reflexões que encorajam o educando a escolher seus próprios caminhos.

Desta forma, o docente deve questionar os preconceitos, tabus, crenças e dogmas, explorando os assuntos tratados pela mídia, cristalizados na família e estigmatizados na sociedade. Essas informações demandam respaldo pedagógico e científico, que permitam provocar os jovens ao invés de reafirmar os valores que eles próprios já elegeram como seus (PCN, 1997).

A educação sexual reside particularmente na possibilidade de formar sujeitos mais preparados para a vida, que saibam se posicionar de forma crítica para existir com autonomia e integralidade. Para Figueiró (2001), a interpelação pedagógica deve ser o prolongamento saudável da sexualidade do indivíduo, que se sentirá mais feliz e transportará essa felicidade à esfera sexual, com benefícios à sua saúde e à vida na sociedade.

Por séculos, a educação sexual vem sendo controlada pelos detentores do poder, que a manipulam para melhor exercer suas prerrogativas. Por outras vezes, a educação é determinada por grupos de dominação religiosa ou social, reprimindo os sujeitos e os submetendo a rígidos padrões culturais.

Tal tipo de educação consome e sufoca os indivíduos, tornando-os réplicas de modelos preestabelecidos. Para o autor, a educação deve ser socializadora, permitindo que o educando viva bem em sociedade e desenvolva capacidade cultural para se emancipar dos modelos impostos.

A educação sexual deve atravessar a integridade do indivíduo para que ele reflita sobre suas atitudes e encontre sua medida de equilíbrio.

Uma autêntica educação sexual deve ter objetivos amplos: oferecer à criança e aos jovens a possibilidade de compreender as dimensões e a significação da sexualidade, de maneira a integrá-la positivamente na personalidade, a contribuir para que possam realizar projetos de vida pessoal e social como seres sexuados. (Werebe, 1998, p.163).

Afinal, como deve ser então a educação sexual? A princípio, pode-se apontar uma clara prioridade, no sentido de contribuir para a transformação social, cultural, econômica e política de um dado contexto, pois “... todo o saber é político, e..., por sua vez, é uma prática social, instituída historicamente.” (Figueiró, 2001, p.92).

Podemos concluir que a educação sexual viabiliza uma abordagem política, emancipatória e combativa. Assim, a educação sexual deve ser um trabalho planejado, organizado, sistematizado, com tempo e objetivos limitados, realizado por um profissional que tenha um conhecimento especializado.

A educação sexual deve facilitar o desenvolvimento da vida sexual, respeitando as diferenças individuais, a liberdade e a espontaneidade. Assim, a educação sexual deve ser intencional e contínua, proporcionando um espaço de reflexões e diálogos conscientizadores.

Ribeiro (2004) defende que a educação sexual deve ser completa e emancipatória, questionando as noções e pressupostos pedagógicos que estão diluídos nos saberes sociais. Assim, o educador deve cooperar com uma busca de cidadania para todos.

Complementando, Guimarães (1995) cita que a educação sexual deve criar oportunidades para a maturação dos sentimentos, promovendo as capacidades de solucionar e escolher, bem como o diálogo de questões éticas e morais. Ela deve operar em trocas dinâmicas, sendo um elo ativo entre gerações distintas. Assim, é necessário que se deixe “contaminar” por novos pensamentos e que eles sejam colocados em prática.

É necessário, então, procurar uma expressão mais ampla para especificar a educação sexual. Figueiró (2006) cita que, além de envolver cuidados e precauções de natureza fisiológica, ela também influencia o convívio e os afetos de um indivíduo. Desse modo, a educação sexual deve propor novos paradigmas que contemplem aspectos sexuais e sociais.

Em seguida, discutiremos o papel fundamental da escola frente à educação sexual.

4 A EDUCAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO ESCOLAR

Partiremos da década de 70 e os anos 80. Segundo César (2009), neste período a sociedade brasileira conviveu com a reabertura política, o que implicam consideráveis e alterações em todos os âmbitos, principalmente políticos e sociais, sendo assim, também no campo da sexualidade. Nesse contexto, são constituídas novas maneiras de compreender a educação sexual. Segundo Figueiró (2001), nesta mesma década muitos livros sobre sexualidade foram escritos, tanto para jovens como para crianças e adultos.

Entre 1978 e 1979, conforme cita Guimarães (1995), foram realizados congressos sobre Educação Sexual nas escolas de iniciativa privada. Nesse momento, foi possível perceber o interesse dos profissionais da educação sobre o tema, visto que os eventos reuniram cerca de duas mil pessoas.

Nesse contexto, novas entidades foram criadas com o objetivo de controle populacional, dentre elas a Sociedade Civil Bem Estar Familiar no Brasil (BEMFAM), a qual organizou o 1º Seminário Técnico de Educação Sexual. Em 1983 ocorreu o 1º Encontro Nacional de Sexologia organizado pela Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia.

Porém, essas entidades revogavam a visão da sexualidade reduzida ao sexo, à contracepção e aos conceitos biológicos, tendo como objetivo em geral o controle preventivo de doenças e a gravidez precoce. O aparecimento da AIDS e a propagação de outras doenças sexualmente transmissíveis entre os adolescentes e jovens instigaram as discussões nesse período.

Segundo, Louro (2008),

A partir da segunda metade dos anos 1980, no Brasil, passou-se a discutir muito mais a sexualidade (e a homossexualidade) em várias instâncias sociais,

inclusive nas escolas. A preocupação em engajar-se no combate à doença (AIDS) fez com que organismos oficiais, tais como o Ministério da Educação passasse a estimular projetos de educação sexual, e, em 1996, o MEC incluiu a temática, como tema transversal, nos seus Parâmetros Curriculares Nacionais (os PCN, a nova diretriz para a educação do País). Vale notar, contudo, que as condições que possibilitaram a ampliação da discussão sobre a sexualidade também tiveram o efeito de aproximá-la das ideias de risco e de ameaça, colocando em segundo plano a associação ao prazer e à vida. (p.36).

Segundo Leão (2009), a partir da inserção destes e do tema transversal Orientação Sexual, a sexualidade ganha notoriedade e, passa a ser importante a sua abordagem de modo formal e sistemático pela escola.

Como já mencionamos a importância dos PCN para a inserção da temática, segue-se, agora, abordando a importância da escola nesse contexto. Sabendo-se que as manifestações da sexualidade estão presentes, cabe ao educador problematizá-las, uma vez que a escola tem como função a transmissão de saberes científicos.

No entanto, Guimarães (1995) diz que é dever da escola assegurar conhecimentos científicos de forma correta e esclarecedora, proporcionando interações tranquilas que possam juntar as gerações e os grupos sociais, bem como o desenvolvimento integral do indivíduo.

Indaga-se a escola é o lugar mais apropriado para a discussão e a reflexão sobre a sexualidade. Veremos, agora, os principais argumentos que sustentam tal ponto de vista.

Nem sempre a família se encontra apta para lidar com as diversidades que o tema da sexualidade introduz e os pais se veem desorientados diante dos questionamentos feitos pelos filhos.

Dessa maneira, frequentemente o problema é relegado a terceiros, como os educadores escolares. Essa dinâmica não é exclusividade da contemporaneidade, já que o diálogo entre a escola e a família, bem como as dissonâncias acerca das questões da sexualidade, fazem-se presentes há muito tempo.

A sexualidade deve ser abordada com naturalidade. Assim, os temas devem ser colocados de acordo com os interesses dos alunos e atender às demandas pedagógicas, observando os valores ideológicos previamente introduzidos pela família e demais grupos sociais, bem como a faixa etária dos educandos (Werebe, 1998). Tem-se, portanto, a necessidade de adequar o tema à idade e às curiosidades dos alunos, viabilizando o diálogo e a reflexão.

A instituição escolar deve desestabilizar as ideias preconcebidas, tabus, preconceitos e crenças, fazendo com que os jovens reflitam sobre os seus discursos e questionem a sua visão sobre o mundo, aspectos indissociáveis nas situações de convívio social (Werebe, 1998).

Uma das competências da escola é guiar a educação sexual e balizar os conceitos vinculados ao seu sistema educativo, abrangendo a seleção dos conteúdos, as normas de comportamento diário e as dinâmicas de trabalho com os alunos. Para que todos esses aspectos ocorram de forma coesa, a escola deve estar ciente da sua condição de locus ideal para a reflexão e ação dos educadores e educandos (PCN, 1998).

Os PCN fazem da escola o lugar por excelência para a educação sexual, já que o ensino permite a desestruturação dos preconceitos aliada ao respeito às atitudes do aluno.

Ribeiro (2002) alerta que os educandos podem trazer referenciais deturpados, dúvidas, angústias e ilusões que levam a uma visão depreciativa do sexo. É a escola, mais uma vez, que assegura o local apropriado para o esclarecimento dos alunos, de modo que possam assimilar novos conceitos e elaborar suas ansiedades, medos e culpas.

De acordo com o autor, “... a escola está sendo a instituição mais indicada pelas autoridades educacionais, pelos especialistas e pela sociedade em geral como sendo o campo fértil e ideal para se dar orientação sexual.” (Ribeiro, 1990, p.31).

É dessa maneira que o ambiente escolar se constitui um local plenamente adequado para se desenvolver a educação sexual, pois viabiliza “... uma intervenção pedagógica que busca favorecer a reflexão mediante a problematização de temas polêmicos.” (Xavier, 2001, p.55).

Cabe a instituição escolar, portanto propiciar um ambiente afeito a diálogos e discussões no âmbito da sexualidade (Ribeiro, 2004). Dessa forma, a escola deve,

... envolver reflexão, tanto individual, quanto coletiva, pois é esse exercício que permitirá ao educando reconhecer-se como sujeito de sua sexualidade, capaz de construir relações mais saudáveis e positivas e capaz, ainda, de identificar possibilidades de interferir no curso de sua vida e da coletividade. (Figueiró, 2006, p.17).

Fica evidente, que a escola é fundamental para a aprendizagem, inclusive porque é nela que surge parte das manifestações da sexualidade. Segundo Sayão (1997), é visível, em cada segmento da escola, manifestações da sexualidade – por exemplo, nas portas de banheiros, nos muros e nas carteiras. A escola é invadida pelas expressões sexuais, “as brincadeiras dos alunos no convívio escolar, o comportamento entre eles, as brincadeiras e paródias inventadas e repetidas, tudo isso transpira sexualidade.” (Sayão, 1997, p.113).

Dessa maneira, o local adequado ao ensino da sexualidade, segundo Camargo e Ribeiro (1999), deve ser uma entidade que se responsabiliza por divulgar a cultura e as formas de comportamento acolhidas pela sociedade.

Furlani (2011) menciona que a escola deve compreender as diversidades em relação a gênero, raça, etnia e orientação sexual. Nesse sentido, Vitiello (1997) acrescenta que a escola não deve aplicar a educação sexual como uma disciplina avaliativa, mas, sim, por meio de um educador altamente treinado promover o diálogo reflexivo para a compreensão da sexualidade como um todo.

A posição crucial da escola se deve também ao fato de ser ela um local de despertar de desejos, inclusive do desejo de saber, o que permite canalizar a própria curiosidade dos educandos para desenvolver novos conhecimentos e valores.

Podemos concluir então que a escola constitui o local ideal para o ensino da sexualidade. Afinal, é nela que encontramos a diversidade de gêneros, culturas e valores de cada família instalada dentro de um mesmo espaço democrático e equânime: a sala de aula. E é nesse mesmo ambiente que se manifestam os maiores desafios diante da temática.

5 O GÊNERO NO ÂMBITO ESCOLAR

De acordo com Louro (2014), o conceito de gênero está diretamente ligado à história das lutas do movimento feminista. Na primeira onda do feminismo as mulheres conseguiram o direito ao voto, na segunda onda por volta dos anos 60 começa-se a ter construções teóricas e em 1968 surgem os estudos da mulher.

Com a mulher conquistando e construindo seu lugar social surgem discussões sobre a distinção das funções de homens e mulheres dentro de uma sociedade. Falar que homens e mulheres se diferem na forma biológica se torna inviável, para isso é preciso demonstrar inclusive nas escolas que essa não é a origem da diferenciação, mas é “a forma como essas características são representadas ou valorizadas [*desvalorizadas*], aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.” (LOURO, 2014, p.25. *grifo meu*).

Louro (2014) nos leva a entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos, sendo assim, as identidades não podem ser consideradas fixas, estáveis. Longe disso, as identidades são percorridas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, construindo os sujeitos como masculinos e femininos, tirando e colocando estes em seus lugares sociais.

Nesta perspectiva, o professor pode trazer para a sala de aula os conceitos e mostrar aos alunos que os papéis são e estão sendo construídos socialmente, frente a uma sociedade elitizada, branca, heteronormativa, que ditam “regras” ditas únicas e certas a serem seguidas.

Para que isto aconteça se faz necessária a formação continuada do docente, que como dito anteriormente tem sua história de vida pessoal e profissional que deve passar por reflexão e por um aprimoramento da prática profissional.

De acordo com Nóvoa (1997) apud Figueiró (2014), a formação continuada deve gerar resultados na vida do professor, na profissão do professor e na escola.

Para que essa formação seja efetiva são necessários alguns pressupostos. O primeiro é que o professor seja considerado construtor, sujeito de sua própria maneira de ser e agir profissionalmente, onde toda a experiência é considerada e valorizada. O segundo pressuposto é que o professor precisa ter suporte, através de apoio, desafios e estímulos lançados durante o processo de educador. O terceiro é que precisamos considerar a escola como objeto de reflexão e como um local de ação, ou seja, devemos enxergar o professor como um sujeito pensante, reflexivo e toma decisões, inova, atua e avalia. Por fim, é imprescindível que o professor seja visto como um profissional que produz saberes e não que simplesmente segue técnicas e as transmite de um único modo.

Para Figueiró (2014) é fundamental que a formação continuada tenha ligação com os problemas enfrentados na sala de aula, e um desses “problemas” é a educação sexual, os professores não tem base teórica para se trabalhar a educação sexual sem tabus, considerando-a como essencial para a formação do educando.

A escola reforça as desigualdades e diferenças através das normas impostas socialmente, por exemplo, brinquedos de menina e de menino, filas separadas, entre outras situações que fazem com que a escola produza diferenças. Como destaca Louro (2014), começa nos manuais mais antigos a moldar o corpo da criança.

“O modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos acabariam por produzir um corpo escolarizado, distinguindo o menino ou a menina que “passara pelos bancos escolares”” (LOURO, 2014, p. 65 e 66).

Em relação a essa construção escolar das diferenças, Louro (2014) nos faz refletir situações e conceitos que são naturalmente apropriados pelos sujeitos, e nesse ponto a autora nos alerta para questionar o que nos é imposto e ter um olhar de desconfiança, pelos pré-conceitos que carregam.

De acordo com a autora, a escola ocidental moderna tem um conjunto de normas para o processo de “fabricação” dos sujeitos sendo este quase imperceptível, reforçando e reafirmando as desigualdades e diferenças. Louro (2014) diz:

“Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processo de avaliação são, seguramente, loci das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe [...]. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão” (p. 68).

Cabe aqui o educador refletir sobre sua prática educacional, será que reforçamos e/ou produzimos estas dicotomias? É necessário enfrentar os problemas que acontecem dentro das salas de aula, é preciso rever os materiais, reformular práticas, pensar antes de agir e como diz Figueiró (2014), é essencial vencer medos e constrangimentos através de atitudes e reflexões próprias.

Algumas atitudes e posicionamentos fixados pela escola ressaltam as diferenças, Louro (2014) destaca algumas situações como o treino de habilidades manuais para as meninas, a classificação de atividade entre meninos e meninas, a diferenciação dos brinquedos e das atividades esportivas nas aulas de Educação Física, a reprodução de que existe um único modelo de família, a força do poder da linguagem que aparentemente não faz mal a ninguém.

Estamos frente a uma sociedade plural, por este motivo é necessário mostrar aos educandos as diversas famílias, as diversas sexualidades, as relações de gênero, o respeito; temos uma ferramenta espetacular para que isso aconteça podemos usar a linguagem como meio de reflexão e de reconstrução de estereótipos impostos pela cultura de nossa sociedade.

6 PERCURSO HISTÓRICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL (PPGE_dSex)

Nesta seção iremos relatar o percurso histórico da constituição do mestrado em Educação Sexual de acordo com os estudos de Bedin (2016). Abarcar o histórico desse programa é essencial para a pesquisa, pois identificamos e buscamos todo o conhecimento produzido na perspectiva da formação inicial e continuada de professores na área da Educação Sexual nas dissertações defendidas no período de 2015 a 2017, correspondente as três primeiras turmas do programa.

No dia 29 de fevereiro de 2000, o professor Paulo Rennes Marçal Ribeiro encaminhou para o então coordenador de Pós-Graduação em Educação Escolar da FCL/UNESP/Araraquara, professor Newton Duarte, um ofício solicitando a vinculação do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX) ao PPGE_dEsc para que este núcleo de pesquisa tivesse um respaldo e não ficasse isolado no âmbito da FCL.

Os primeiros integrantes do NUSEX totalizavam 21 membros, sendo que uma era a primeira mestre do já existente Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, e sua primeira dissertação tinha como temática a sexualidade e educação sexual.

O professor Marcus Vinícius da Cunha deu o parecer favorável e o reconhecimento oficial à vinculação do grupo de pesquisa ao PPGE_dEsc.

Em agosto de 2000, a coordenação do Programa de Pós-Graduação enviou ao professor Cláudio Bendito Gomide de Souza, então diretor da Faculdade de Ciências e Letras, uma solicitação para que providenciassem no âmbito da unidade universitária um reconhecimento institucional do NUSEX. Seguindo as orientações para encaminhamento, o NUSEX deveria ser cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

Desta forma, em 26 de setembro de 2000, o grupo estava reconhecido institucionalmente, com esta conquista o professor Paulo Rennes deu início a sua próxima etapa de reivindicação: se fazia necessário a solicitação de uma sala para acolher o Núcleo.

Foi solicitado através de ofício em novembro de 2000 que uma das salas da faculdade, na ocasião fechada e sem uso, pudesse ser disponibilizada para reuniões e estudos, visando o crescimento das atividades e a ampliação do número de seus membros, além de abrigar os materiais de consumo e informática que iriam ser adquiridos.

A decisão foi colocada nas mãos da Congregação da FCL de Araraquara, porém como era final de gestão, as deliberações foram deixadas para o diretor que seria empossado, o então professor José Antonio Segatto.

Em 30 de abril de 2001, o coordenador do NUSEX retomou à nova direção sua solicitação da sala para o grupo de pesquisa junto a uma reunião para mostrar pessoalmente a importância do estudo e pesquisa e a necessidade deste pedido.

Porém entre 30 de abril e 16 de julho do mesmo ano, não existiu manifestação do diretor em relação ao pedido feito. Em 16 de julho o professor Paulo Rennes mudou a sua estratégia e solicitou a intervenção da chefe de departamento de Psicologia e Educação, na reivindicação do espaço físico, professora Maria Júlia Canazza Dall'Acqua. Ela encaminhou um ofício detalhando as necessidades do NUSEX ao Vice-Diretor da FCL, professor José Muraro Bovo, que respondia pela Direção neste determinado período.

Enfim, em 16 de outubro de 2001, foi desocupada a sala 110 e o Núcleo de Estudos da Sexualidade conquistou seu primeiro espaço físico para o desenvolvimento de suas atividades.

Dentre 2002 e 2004 o grupo permaneceu em atividade, com publicação de livros e realização de eventos, como a Feira de Sexualidade “Pensando naquilo...”, em parceria com o SESC, a Secretaria Municipal de Saúde de Araraquara, o CEAO “Dante Moreira Leite” –

Unidade Auxiliar da FCL e o SAOS – Serviço de Atendimento e Orientação em Sexualidade em 2003, todavia não existem documentos que fossem anexados aos processos.

Neste mesmo ano o NUSEX foi reconhecido de forma mais ampla devido à 26ª Reunião Anual da ANPED, onde foi aprovada a criação do Grupo de Trabalho (GT 23) – Gênero, sexualidade e educação, com a professora Guacira Lopes Louro como coordenadora e o professor Paulo Rennes Marçal Ribeiro como vice-coordenador.

No ano de 2005 o professor Paulo Rennes estava como vice-diretor da Faculdade de Ciências e Letras e deu início a mais uma solicitação objetivando o crescimento e a consolidação do grupo de pesquisa. O professor queria construir no espaço utilizado pelo NUSEX um laboratório de estudos, o nomeado Laboratório de Ensino e Pesquisa em Sexualidade (LASEX), diante de todos os entraves o pedido foi aprovado somente um ano e três meses após, em 03 de agosto de 2006.

Em conjunto às intervenções administrativas deste processo de conquistas no âmbito da universidade, aconteceram nesses primeiros anos de NUSEX dois eventos de abrangência nacional, que foram muito importantes para o reconhecimento por parte de profissionais da área da Sexualidade e também para consolidar o grupo de pesquisa.

Em 2008 dois grandes empreendimentos auxiliaram muito no crescimento do NUSEX: a organização e realização do I Congresso Brasileiro de Educação Sexual e o recebimento do primeiro auxílio financeiro dado pela Reitoria da UNESP. Com o auxílio financeiro foi possível equipar o LASEX e comprar uma passagem aérea para Madrid que possibilitou a viagem do professor Paulo Rennes à Universidade de Alcalá que resultou em uma grande e valiosa parceria com o professor Eladio Sebastián Heredero.

Neste mesmo ano, ocupava a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNESP a professora Marilza Cunha Rudge, que deu grande apoio para a internacionalização dos Programas de Pós-Graduação e foi responsável pela entrega dos auxílios financeiros empreendidos pelo

NUSEX nos anos de 2008 a 2012, período este de grande investimento na internacionalização de idas e vindas de docentes para e de universidades de Portugal, Espanha e Argentina, resultando em convênios assinados e efetiva integração nas atividades acadêmicas do grupo de pesquisa.

Foi em 2009 o palco da apreciação do pedido feito pelo professor Paulo Rennes, através de um ofício encaminhado em 03 de dezembro de 2008 ao diretor da FCL, professor Cláudio Gomide de Souza, esse pedido tratava da criação do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual e Sexualidade.

Esta primeira tentativa do NUSEX não foi aprovada por conta de algumas falhas e dificuldades, porém a apreciação não foi de toda negativa.

O professor Paulo Rennes não desistiu, em 1º de junho de 2009 encaminhou uma proposta de readequação.

Foi então sugerida pelo professor proponente do Aplicativo de Propostas de Cursos Novos (APCN) a criação de um Curso de Mestrado na modalidade profissional dentro do já existente Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar para que o então Programa não fosse tido em duplicidade. Esta foi a alternativa encontrada para tentar a aprovação.

O pedido foi negado mais uma vez, o professor Paulo Rennes não aceitando a reprovação, insistiu na incongruência existente entre partes do parecer emitido, pois foi apontada análise favorável pelo parecerista que foi contrariada pela Comissão Central de Pós-Graduação (CCPG).

Um novo parecer foi feito pela CCPG, e por unanimidade de votos foi favorável à criação do Curso de Mestrado em Educação Sexual, no dia 04 de novembro de 2010.

Os documentos foram encaminhados para a CAPES em junho de 2011, em 2 de abril de 2012 o resultado favorável foi encaminhado para a professora Marilza Rudge, Pró-Reitora de Pós-Graduação da UNESP.

Para a surpresa deste desfecho a CAPES não aprovou o formato do curso vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. O curso que foi aprovado teria que necessariamente ser independente, como um programa próprio. Desta forma, nasceu o Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual. Outro programa em educação, que era justamente o que impediu a aprovação dos APCNS de 2009 e 2010.

O corpo docente inicial do PPGEducSex foi composto pela equipe de docentes: Paulo Rennes Marçal Ribeiro, seu primeiro coordenador; e Ana Cláudia Bortolozzi Maia, Andreza Marques de Castro Leão, Célia Regina Rossi, Fábio Tadeu Reina, Fátima Elisabeth Denari, Luci Regina Muzzeti, Luiz Antonio Calmon Nabuco Lastória, Márcia Cristina Argenti Perez, Maria Alves de Toledo Bruns e Sueli Aparecida Itman Monteiro, juntamente com quatro professores visitantes estrangeiros: Maria Isabel Chagas (Universidade de Lisboa), Maria Filomena Teixeira (Escola Superior de Educação de Coimbra), Maria Teresa Vilaça (Universidade do Minho) e Eladio Sebastian Heredero (Universidade de Alcalá de Henares).

A primeira turma de alunos ingressou em 2013, uniu-se mais três docentes ao programa, a professora Débora Raquel da Costa Milani, Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen e Vagner Sérgio Custódio.

A segunda turma de alunos ingressou em 2014 e mais duas professoras compôs o corpo docente, sendo elas: Ana Paula Leivar Brancaloni e Denise Maria Margonari. Neste mesmo ano foi realizado o processo seletivo para a terceira turma do mestrado, os alunos ingressaram em 2015, ano também que foram defendidas as dissertações dos discentes da primeira turma, e ainda comemorou-se um ciclo de 15 anos do Núcleo de Estudos da Sexualidade: de grupo de pesquisa a Programa de Pós-Graduação.

Atualmente o Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual tem dois docentes com pós-doutorado, o Professor Dr. Fábio Tadeu Reina e a Professora Dra. Andreza Marques de Castro Leão, ambos receberam o título no ano de 2011.

6 PERCURSO METODOLÓGICO

Selecionamos o Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual por ser o primeiro mestrado criado no tocante a temática educação sexual, por este motivo acreditamos que as dissertações produzidas nele são de extrema relevância para a construção e reflexão de novas práticas pedagógicas.

A pesquisa foi realizada através do site da FCL no campo *teses e dissertações* do programa em questão onde os trabalhos após a defesa são disponibilizados em arquivo *pdf* para possíveis consultas.

O levantamento foi feito com todas as pesquisas produzidas no programa até o início da pesquisa, do período de 2015 a março de 2017, dissertações essas correspondentes as defesas das duas primeiras turmas do programa.

Abaixo apresentaremos um quadro contendo as 35 pesquisas levantadas para iniciar a seleção e a análise dos dados:

Quadro 1

Produções das duas primeiras turmas do programa.

Título	Autor	Palavras-chave	Defesa
1- A identidade, o costume e o direito da decisão: um estudo sobre o uso e o desuso do sobrenome do marido.	Fabiana Aparecida Prenhaca Giacometti	Direito da mulher. Valores matrimoniais. Relação de Gênero. Representação social. Educação.	02/07/2015
2- Mulheres e Tatuagens:	Priscila Aparecida	Tatuagem.	06/07/2015

valores e intenções impregnados na construção do corpo feminino.	Martins Andrade	Preconceito. Mulher. Classes Sociais. Corpo.	
3- Música e infância: compreendendo o significado da sexualidade através da educação musical.	Karina Nonato Fernandes	Música. Canções Populares. Sexualidade. Infância. Educação Sexual.	07/08/2015
4- O jogo pedagógico como instrumento para a educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material “Em seu lugar”.	Anne Kariny Lemos Rocha	Sexualidade, Educação Sexual, Jogo, Material Didático, Adolescência, Formação de professores.	14/08/2015
5- Homossexualidade e velhice: os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos.	Alex Eduardo Lemos	Sexualidade. Homossexualidade. Velhice. Subjetividade. Idoso. Educação.	14/08/2015
6- Formação inicial e concepções de assistentes sociais do interior do Rio Grande do Norte sobre a	Carla Bessa da Silva	Formação inicial; Serviço Social; CRAS; Sexualidade da Pessoa Idosa.	27/08/2015

sexualidade da pessoa idosa.			
7- O jovem e o “ficar” à luz da teoria Bourdiana.	Natália Souza Nogueira	Relações amorosas. Jovem. Habitus. Trajetória de vida.	28/08/2015
8- Análise descritiva da construção histórico-social do olhar da psicologia sobre a homossexualidade a partir de produções do portal de periódicos PEPSIC: um estudo bibliográfico.	Daniel Cordeiro Cardoso	Psicoterapia – homossexualidade – sexualidade – gênero – formação do psicólogo.	31/08/2015
9- Sexualidade e deficiências: dando vozes aos adolescentes através de oficinas pedagógicas.	Franciely Paliarin	Educação Sexual, Deficiência Intelectual, Sexualidade, Deficiência, Oficinas Pedagógicas; Afetividade.	31/08/2015
10- Sexualidade e adolescência: rodas de conversa e vivência em uma escola de ensino fundamental.	Débora Brandão Bertolini	Adolescentes. Sexualidade. Educação sexual. Roda de conversa.	04/09/2015
11- A educação sexual e suas	Adriana Zocca	Sexualidade;	11/09/2015

entrelinhas nas concepções dos gestores.	Simões Barrozo	Educação Sexual; Escola; Gestor.	
12- Contos de fadas no ensino fundamental I: analisando os recursos empregados e as estratégias que podem ser adotadas pelas/os docentes na desconstrução de estereótipos sexistas.	Érica Rodrigues do Nascimento Augustini	Contos de fadas. Estereótipo. Metodologia. Percepção das/os docentes. Relações de Gêneros. Sexismo.	11/09/2015
13- O que os homens têm a dizer sobre as mulheres? Os novos posicionamentos de jovens do gênero masculino frente às transformações femininas nas relações afetivas: uma leitura sob a ótica da Psicologia Analítica.	Alessandra Munhoz Lazdan	Sexualidade masculina. Masculinidade. Relações de gênero. Relações afetivas. Psicologia Analítica.	18/09/2017
14- Ser menino e menina, professor e professora na educação infantil: um entrelaçamento de vozes.	Fernanda Ferrari Ruis	Relações de Gênero. Infância. Docência. Educação. Educação Infantil. Educação Sexual.	18/09/2015
15- Compreendendo a	Daniela Arroyo	Sexualidade.	25/09/2015

sexualidade infantil nas relações de gênero: o lúdico como estratégia educativa.	Fávero Moreira	Gênero. Infância. Ludicidade. Educação Sexual. Família-Escola.	
16- Educação sexual, saúde e sexualidade: (re)significando as relações entre pais e filhos.	Andréia Serrano Cayres Rapatão	Sexualidade. Educação sexual. Família. Infância. Adolescência. Escola.	28/09/2015
17- Cursos de Formação Continuada em Educação Sexual que empregam as tecnologias digitais.	Gabriella Rossetti Ferreira	Sexualidade. Educação Sexual. Formação. Tecnologia Digital. Educação a Distância.	29/09/2015
18- Vozes masculinas no cotidiano escolar: desvelando relações de gênero na educação infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz.	Ana Márcia de Oliveira Carvalho	Educação Infantil. Homens. Relações de gênero. Vivência pedagógica. Fenomenologia. Alfred Schutz.	29/09/2015
19- A transmissão da vida psíquica entre gerações: os aspectos determinantes do	Gustavo Rodrigues Salinas	Educação; Trauma; Testemunho; Multigeracionalidad	25/11/2015

fazer-se herdeiro da violência sexual.		e; Abuso Sexual.	
20- A educação sexual e o conservadorismo no currículo da rede estadual de ensino de São Paulo.	Érick Roberto Freire de Araújo Silva	Educação Sexual, Currículo, Material Didático.	01/07/2016
21- Análise da formação e da prática em educação sexual de professores/as de ciências e biologia de escolas estaduais de Macapá/AP.	Izelma de Souza Costa	Educação sexual. Formação de professor/a. Ciências e Biologia.	15/07/2016
22- A mídia e a infância: da exposição aos reflexos na escola no tocante à sexualidade.	Maria Angélica Brizolari Pongeluppe	Infância. Mídia. Sexualidade. Pedagogias culturais.	14/09/2016
23- Educação Sexual e comunicação: o rádio como alternativa pedagógica nas escolas a partir de uma intervenção.	Aline Santana Castelo Branco	Rádio Escola; Educação Sexual; Programa de Sexualidade.	02/12/2016
24- Coeducação dos sexos no Estado de São Paulo durante a Primeira República (1889-1930).	Paulo Jorge Rodrigues	Coeducação dos sexos. História da Educação. Sexualidade.	12/12/2016

25- Sexualidade e Sífilis Adquirida: relatos de pessoas que realizaram o tratamento.	Debora de Aro Navega	Sexualidade, Sífilis Adquirida, Educação Sexual, Saúde Sexual, Autocuidado.	19/12/2016
26- Violações de direitos e violência intrafamiliar em três gerações: estudo de caso.	Maria Cleonice	Família. Violência intrafamiliar. Habitus. Políticas públicas.	10/02/2017
27- Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do Ensino Infantil.	Rita de Cassia Vieira Borges	Educação em sexualidade; Sexualidade e gênero; Ensino infantil.	16/02/2017
28- A reprodução das desigualdades de gênero nos contos de fadas/maravilhosos como marcas circunscritas na educação infantil.	Cristiane de Assis Lucifora	Reprodução. Gênero. Prática pedagógica. Contos de fadas.	21/02/2017
29- Educação sexual de crianças e adolescentes em abrigos: o lugar do educador.	Flávio Henrique Firmino	Abrigos, Educação Sexual, Psicanálise, Sexualidade.	21/02/2017
30- A intervenção do professor de educação física	Beatriz Rodrigues Kavahara Manzini	Educação Física, Sexualidade,	22/02/2017

no processo de exteriorização da sexualidade das crianças a partir das manifestações corporais, à luz dos pensamentos de Boudieu.		Habitus.	
31- Um estudo sobre representações de sexualidade e atitudes sexuais de adolescentes de uma escola pública: análise-descritiva de grafitos em carteiras escolares.	Gabriela Jaqueline Domingues Vilela	Adolescentes. Grafitos. Carteiras escolares. Educação sexual.	23/02/2017
32- Agentes comunitários de saúde: o elo entre os estigmatizados e o acesso à saúde.	Isabela Virginia Pasquini Borges de Oliveira	Educação Sexual, população LGBT, preconceito, grupo focal, Agente Comunitário de Saúde.	24/02/2017
33- Investigando Resistências à educação sexual: considerações psicanalíticas e queer a partir de escritos de Deborah Britzman.	Gelberton Vieira Rodrigues	Educação Sexual, Resistências, Psicanálise, Teoria Queer, Deborah Britzman.	14/03/2017

34- Livro “O que é privacidade?”: uma ferramenta de prevenção da violência sexual para crianças.	Carolina Arcari Meyer	Violência sexual. Educação sexual. Prevenção primária. Enfrentamento.	17/03/2017
35- Análise do jogo “Trilha da proteção” como auxiliar na diminuição da vulnerabilidade para a violência sexual infantil.	Fabricio Meyer	Prevenção violência sexual, educação sexual, jogo educativo, vulnerabilidade infantil.	17/03/2017

Após o levantamento geral dos trinta e cinco trabalhos acadêmicos do programa, no período já mencionado, foi feita uma análise e selecionamos os trabalhos que referendavam questões diretamente ligadas sexualidade e o ambiente escolar, formação docente e suas práticas educativas no dia a dia escolar.

Essa seleção foi feita através das palavras-chaves, Educação Sexual; Sexualidade; Formação Docente e Gênero, onde podemos identificar os pontos principais de cada pesquisa.

Das trinta e cinco pesquisas foram selecionadas para uma análise nove pesquisas que abordam especificamente a sexualidade e a educação escolar, onde contemplam o docente, a educação sexual e a escola.

A análise e a interpretação dos dados coletados serão organizados a partir da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009).

7 PRODUÇÕES E ANÁLISE DOS TRABALHOS ACADÊMICOS

Nesta seção vamos analisar os trabalhos selecionados diante do objetivo da pesquisa, trazendo o título da pesquisa, seus objetivos, metodologias, e por fim os resultados encontrados.

No quadro abaixo apresentaremos as pesquisas selecionadas para análise.

Quadro 2

Pesquisas selecionadas para análise.

Título	Autor	Palavras-chave	Data da defesa
Pesquisa 1: Música e infância: compreendendo o significado da sexualidade através da educação musical.	Karina Nonato Fernandes	Música. Canções Populares. Sexualidade. Infância. Educação Sexual.	07/08/2015
Pesquisa 2: A educação sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores.	Adriana Zocca Simões Barrozo	Sexualidade; Educação Sexual; Escola; Gestor.	11/09/2015
Pesquisa 3: Contos de fadas no ensino fundamental I: analisando os recursos empregados e	Érica Rodrigues do Nascimento Augustini	Contos de fadas. Estereótipo. Metodologia. Percepção das/os docentes.	11/09/2015

as estratégias que podem ser adotadas pelas/os docentes na desconstrução de estereótipos sexistas.		Relações de Gêneros. Sexismo.	
Pesquisa 4: Ser menino e menina, professor e professora na educação infantil: um entrelaçamento de vozes.	Fernanda Ferrari Ruis	Relações de Gênero. Infância. Docência. Educação. Educação Infantil. Educação Sexual.	18/09/2015
Pesquisa 5: Compreendendo a sexualidade infantil nas relações de gênero: o lúdico como estratégia educativa.	Daniela Arroyo Fávero Moreira	Sexualidade. Gênero. Infância. Ludicidade. Educação Sexual. Família-Escola.	25/09/2015
Pesquisa 6: Cursos de Formação Continuada em Educação Sexual que empregam as tecnologias digitais.	Gabriella Rossetti Ferreira	Sexualidade. Educação Sexual. Formação. Tecnologia Digital. Educação a Distância.	29/09/2015
Pesquisa 7: Análise da formação e da prática em educação sexual de professores/as	Izelma de Souza Costa	Educação sexual. Formação de professor/a. Ciências e Biologia.	15/07/2016

de ciências e biologia de escolas estaduais de Macapá/AP.			
Pesquisa 8: Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do Ensino Infantil.	Rita de Cassia Vieira Borges	Educação em sexualidade; Sexualidade e gênero; Ensino infantil.	16/02/2017
Pesquisa 9: A reprodução das desigualdades de gênero nos contos de fadas/maravilhosos como marcas circunscritas na educação infantil.	Cristiane de Assis Lucifora	Reprodução. Gênero. Prática Pedagógica. Contos de Fadas.	21/02/2017

O trabalho **MÚSICA E INFÂNCIA: compreendendo o significado da sexualidade através da Educação Musical** nos leva a uma reflexão acerca dos papéis das letras de música para as crianças em sua infância, e sua sexualidade, além de trazer dados que nos fazem entender como essas canções estão arraigadas de conceitos que normatizam a sociedade nas questões de gênero, numa visão socialmente construída heteronormativa, além de adultizar as crianças, ou seja, estão colocando os pequenos como mini-adultos, sem que se tenha uma conscientização sobre as letras de músicas populares não direcionadas para

crianças, mas, que as elas reproduzem ao dançar a cantar. A pesquisa iniciou com cunho bibliográfico e, posteriormente, foi feita uma pesquisa de campo com professores da educação infantil, que atuavam na faixa etária de 4 a 5 anos, e através de entrevistas semiestruturadas fazer um levantamento para culminar em uma reflexão acerca da apreensão das crianças diante das músicas populares em que estão diretamente expostas. Desta forma, buscou-se sugerir uma forma de trazer a sexualidade para a criança, através da música, bem como a pesquisa trouxe sugestões de como trabalhar a educação sexual e a educação musical na sala de aula.

A pesquisa **A EDUCAÇÃO SEXUAL E SUAS ENTRELINHAS NAS CONCEPÇÕES DOS GESTORES**, traz a temática da educação sexual e suas entrelinhas, tendo como objetivo investigar a visão de gestores de escolas municipais acerca da mesma. Discorre sobre o termo sexualidade, entendendo como ele é tratado. Trata a educação sexual sob diversos enfoques, falando sobre suas definições e papéis, à luz dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Enfatiza o papel das escolas na educação sexual e nos mostra as dificuldades encontradas para empregar tal atividade. Traz a discussão do papel dos gestores das escolas, permeando suas funções desempenhadas na gestão escolar, correlacionando-as à educação sexual. A autora traz uma reflexão sobre a problemática da educação sexual no ambiente escolar de maneira ampla, enfatizando sua relevância social e por fim, a autora apresenta a sua opinião acerca da educação sexual.

Em **CONTOS DE FADAS NO ENSINO FUNDAMENTAL I: analisando os recursos empregados e as estratégias que podem ser adotadas pelas/os docentes na desconstrução de estereótipos sexistas** nos apresenta que os contos de fadas, por seus elementos fantásticos, costumam estar associados ao universo infantil. De todo modo, o início dos contos nos revela que eles pertencem à tradição oral e foram destinados aos adultos. Na fase escrita, eles passaram por adaptações até atingir o público infantil. Dentro de

diversas culturas, os contos misturam desde os ritos de passagem até as influências mais modernas contidas nas versões contemporâneas. Este gênero costuma compor o currículo de Língua Portuguesa das escolas brasileiras por serem considerados um artefato cultural do patrimônio literário.

A pesquisa dentro de uma abordagem qualitativa procurou aliar a realidade das instituições envolvidas em relação aos contos de fadas, à proposta de refletir sobre as relações de gênero presente nestas histórias e sobre sua incidência em nosso comportamento. A autora escolheu este tema através de sua experiência profissional permeada pela necessidade pessoal de buscar aclarar os processos normalizadores que se instituem entre os muros da escola, perpetuando as relações binárias que ali são construídas, bem como em outros espaços de convivência entre pares. O resultado desta pesquisa deixou claro o olhar androcêntrico e heteronormativo consumidos pelas professoras por não refletirem sobre os contos de outra forma que não seja pelo seu propósito de ensinar as características linguísticas e estruturais do mesmo. No entanto, sinalizaram um interesse por tecer sobre eles um olhar mais crítico e reflexivo, considerando os aspectos referentes às configurações binárias dos extremos masculino e feminino.

SER MENINO E MENINA, PROFESSOR E PROFESSORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um entrelaçamento de vozes, considerando o gênero como uma construção histórica, cultural e social, esta pesquisa teve como objetivo investigar as relações e representações de gênero são expressas por meninas e meninos, professor e professora no dia a dia de uma escola municipal de educação infantil, através de uma investigação de abordagem qualitativa. Participaram da pesquisa duas turmas de alunas e alunos com idades entre quatro a seis anos, assim como o professor e a professora responsáveis pelas mesmas.

A coleta de dados foi feita em três momentos, primeiramente foram observados o ambiente escolar, sua organização e funcionamento, bem como as práticas adotadas pelos

docentes e as interações com suas respectivas turmas. Em seguida, a ludicidade foi utilizada como estratégia, a fim de verificar e apreender as relações e representações de gênero reveladas por meninos e meninas. Através de entrevistas semiestruturadas, a autora analisou os fundamentos e conhecimentos dos docentes acerca do conceito de gênero e como lidam com as relações de gênero expressas pelas crianças. Todos os dados foram analisados através da análise de conteúdo.

O entrelaçamento das vozes dos sujeitos envolvidos revelaram diferentes modos de ser menino e menina, professor e professora, em suas interações no ambiente escolar, que ultrapassam os padrões de feminino e masculino esperados. A pesquisa apontou para lacunas na formação docente no quesito às questões de gênero, diversidade sexual, sexualidade e educação sexual. Diante deste resultado a autora acredita que esta pesquisa possa contribuir para que os professores e as professoras reflitam sobre suas práticas educativas, enxergando as crianças, ouvindo-as em suas necessidades, respeitando suas diferenças e preferências.

COMPREENDENDO A SEXUALIDADE INFANTIL NAS RELAÇÕES DE GÊNERO: o lúdico como estratégia educativa, traz que a sexualidade é um conceito importante porque faz parte do desenvolvimento humano e vai além do ato sexual exatamente por envolver manifestações pessoais (impulsos e desejos) e influência externa (cultura). Trabalhar a sexualidade com as crianças é essencial porque estes são sujeitos sociais em formação.

O objetivo geral deste estudo foi compreender a sexualidade infantil nas relações de gênero por meio das representações dos educadores, familiares e professora, e do exercício de situações lúdicas por crianças de uma turma de 1º ano do ensino fundamental, em uma escola pública estadual, localizada no estado de São Paulo, além de uma tutora e familiares.

Foram empregados para a pesquisa empírica os seguintes instrumentos: entrevista, questionário, diário de campo e atividades lúdicas. Para realizar este estudo foram seguidos

os princípios da teoria Histórico-Cultural e os dados obtidos foram analisados qualitativamente.

A análise de dados junto aos familiares permitiu evidenciar que os mesmos apontaram diferenças significativas no comportamento e na personalidade de meninos e meninas a partir da diferenciação de gênero. Junto à professora, revelou-se que são respeitadas e levadas em consideração as peculiaridades individuais dos alunos e das alunas no que diz respeito a esclarecimentos de dúvidas e limitações acerca do entendimento da sexualidade. No que diz respeito às atividades lúdicas constatou-se que elas possibilitam relações de ensino e aprendizagem nos processos formativos dos educandos em relação às questões de gênero e sexualidade.

Desta forma, pode-se concluir que é possível apontar para a importância do trabalho em educação sexual de modo que o mesmo possua atividades lúdicas quando aplicado às crianças, para que haja o exercício de práticas educativas para o desenvolvimento da formação dos alunos. Os assuntos gênero, educação sexual e sexualidade são importantes e necessários a serem trabalhados em sala de aula, principalmente pelo fato da escola ser um local privilegiado no processo de mediação das informações, porém é necessário também que os familiares conversem com os filhos a este respeito de forma consciente, sem explicações fantasiosas, para uma melhor apropriação do conhecimento específico.

Na pesquisa intitulada **CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO SEXUAL QUE EMPREGAM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS** foi sinalizada a necessidade de mudanças no processo de formação dos professores no que se refere aos assuntos relacionados à educação sexual. Afirmam ser um assunto em destaque na sociedade, havendo a necessidade de uma discussão principalmente dentro do âmbito escolar.

Sinalizam a necessidade de formação de professores, onde os mesmos sejam devidamente capacitados para atuar e enfrentar os diversos desafios relacionados à educação sexual.

Verificando essa necessidade, profissionais tem feito a junção da educação à distância (EAD) com as tecnologias digitais, e criado cursos a distância com momentos presenciais, na busca por sanar esta falta de formação.

Teve-se como objetivo analisar através de documentação e entrevista os cursos à distância na área da educação sexual. De acordo com as constatações realizadas, foi possível perceber que os cursos têm contribuído para expandir os conteúdos da educação sexual nos inúmeros estados brasileiros, porém, notou-se que falta uma continuidade e acompanhamento dos professores, tornando-se difícil avaliar em longo prazo para verificar se a estrutura e o conteúdo aplicado foram realmente efetivos de acordo com a proposta vendida; sinalizou também que este tipo de formação não exclui a necessidade de uma formação inicial, onde o discente já teve contato com disciplinas que abordem conteúdos relativos à educação sexual.

Todos os cursos analisados tiveram o cuidado de entrelaçar os temas com a escola, o currículo e o Parâmetro Curricular Nacional (PCN), iniciativa que facilita e aproxima posteriormente o trabalho em sala de aula; e todos esses cursos foram formatados a partir da ótica de que as tecnologias digitais quando usadas a favor da educação pode facilitar aos professores terem uma formação no âmbito da educação sexual.

Em ANÁLISE DA FORMAÇÃO E DA PRÁTICA EM EDUCAÇÃO SEXUAL DE PROFESSORES/AS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA DE ESCOLAS ESTADUAIS DE MACAPÁ/AP a autora buscou conhecer a formação e a prática em educação sexual e sexualidade dos/as professores/as de Ciências e Biologia de algumas escolas estaduais de Macapá, para isto foi utilizado a pesquisa qualitativa. Desta maneira, para a escuta dos/as participantes, optou-se pelo emprego de entrevistas semiestruturadas.

Os resultados obtidos apontam que a maioria dos/as professores/as não recebeu nenhum tipo de formação inicial. Dentre aqueles/as que afirmaram ter obtido alguma orientação acerca da educação sexual, constatou-se que esta foi de cunho estritamente biológico com enfoque nos caracteres anatômicos, fisiológicos e embriológicos. Notou-se também que, embora a secretaria de educação do estado do Amapá possua um departamento cuja função é auxiliar o/a professor/a com as questões que envolvem a sexualidade, nas escolas de rede estadual até o momento não existe, na prática, nenhum programa ou curso de formação continuada para os/as profissionais que se dispõem ou tem interesse em trabalhar com os/as alunos/as as questões envolvidas pelo tema.

Desta maneira, devido à falta de conhecimentos básicos em sexualidade, os/as professores/as apenas reproduzem conteúdos que se distanciam das necessidades e envolvimento do/as alunos/as. Por este motivo, a pesquisa sugere o investimento maciço na formação continuada dos/as professores/as de Ciências e ou Biologia da rede estadual de educação da citada cidade no que se refere à sexualidade, sobretudo, direcionada aos profissionais que já estão atuando, de maneira a assegurar profissionais aptos a atuar com educação sexual no estado do Amapá. Além disso, é necessário com urgência mais estudos e pesquisas que possam colaborar para a compreensão e viabilidade da educação sexual nas escolas de Macapá e, por consequência no Estado.

O trabalho titulado **EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE, SEXUALIDADE E GÊNERO: desafios para professoras(es) do Ensino Infantil**, tem como objetivo identificar quais as demandas formativas existentes em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, diante das manifestações da sexualidade dos alunos, tendo em vista discutir formas de intervenção que contribuam na superação de possíveis posturas conservadoras, na melhoria de uma educação em sexualidade e na construção de igualdade e de equidade de gênero, para benefícios de todos(as). Para isto, adotou-se o método de observação in loco, identificando as

práticas de cuidados diários, bem como a linguagem utilizada entre as professoras, equipe de apoio e destas para com as crianças. Em seguida, foi aplicada uma entrevista semiestruturada, com questões abertas, buscando abarcar os aspectos da investigação. Com o consentimento das participantes, as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas e analisadas qualitativamente. Considerando a transversalidade dos temas – sexualidade, gênero e violências -, optou-se por desenvolver esta pesquisa junto à especificidade da educação infantil, visando o favorecimento desse contexto para a proximidade entre profissionais, crianças e famílias, assim como suas potencialidades de cooperação em ações que promovem a ressignificação de crenças e valores já construídos e constituídos pela sociedade em suas relações.

Por fim, a pesquisa **A REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO NOS CONTOS DE FADAS/MARAVILHOSOS COMO MARCAS CIRCUNSCRITAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, realizada com um grupo de professores que lecionam na Educação Infantil com crianças na faixa etária de cinco a seis anos de idade na rede municipal do interior de São Paulo teve como objetivo identificar como acontece o trabalho com os contos de fadas/maravilhosos, se estes promovem a ruptura dos conteúdos ideológicos de gênero ou se estes são reproduzidos através desta prática pedagógica. A pesquisadora utilizou em sua metodologia questionários com perguntas abertas com base na teoria de Bourdieu. A presente pesquisa constatou que a reprodução está relacionada com os mecanismos formadores destes docentes, seja a formação com os familiares, com a escolarização e até mesmo com a formação profissional. Os contos de fadas/maravilhosos assumidos nesta pesquisa através de uma perspectiva histórico-cultural coloca a literatura infantil como um artefato cultural com possibilidades de mudança ao longo da história, desta forma, um instrumento reprodutor de ideologias presentes na cultura ocidental.

Após a análise individual do conteúdo das nove dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual nos debruçamos no cruzamento dos dados entre as pesquisas e obtivemos o quadro apresentado a seguir:

Quadro 3

Mapeamento das especificidades temáticas: sexualidade, educação sexual e gênero nas Pesquisas selecionadas para análise.

Título	Tema Principal	Sexualidade	Educação sexual	Gênero
Pesquisa 1: Música e infância: compreendendo o significado da sexualidade através da educação musical.	Música e Sexualidade	- significados da sexualidade na música	- estratégias para atuação docente com a utilização da música	- normatização dos papéis de gênero nas músicas
Pesquisa 2: A educação sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores.	Gestão escolar e Educação Sexual	- análise das concepções de docentes da Educação Infantil	- análise das concepções de docentes da Educação Infantil	- análise das concepções de docentes da Educação Infantil
Pesquisa 3: Contos de fadas no ensino fundamental I:	Contos de fadas e Gênero	- Análise de concepções e práticas docentes nos	- Análise de concepções e práticas docentes nos	- Análise de concepções e práticas docentes nos

<p>analisando os recursos empregados e as estratégias que podem ser adotadas pelas/os docentes na desconstrução de esteriótipos sexistas.</p>		<p>anos iniciais do Ensino Fundamental</p>	<p>anos iniciais do Ensino Fundamental</p>	<p>anos iniciais do Ensino Fundamental</p>
<p>Pesquisa 4: Ser menino e menina, professor e professora na educação infantil: um entrelaçamento de vozes.</p>	<p>Gênero e Docência</p>	<p>Mapeamento e intervenção acerca de concepções e práticas escolares na Educação Infantil</p>	<p>Mapeamento e intervenção acerca de concepções e práticas escolares na Educação Infantil</p>	<p>Mapeamento e intervenção acerca de concepções e práticas escolares na Educação Infantil</p>
<p>Pesquisa 5: Compreendendo a sexualidade infantil nas relações de gênero: o lúdico como</p>	<p>Gênero e Infância</p>	<p>Mapeamento e intervenção acerca de concepções e práticas escolares nos</p>	<p>Mapeamento e intervenção acerca de concepções e práticas escolares nos</p>	<p>Mapeamento e intervenção acerca de concepções e práticas escolares nos</p>

estratégia educativa.		anos iniciais do Ensino Fundamental	anos iniciais do Ensino Fundamental	anos iniciais do Ensino Fundamental
Pesquisa 6: Cursos de Formação Continuada em Educação Sexual que empregam as tecnologias digitais.	Formação continuada e Educação sexual	Análise do conteúdo de Educação Sexual em cursos de formação continuada mediados pela tecnologia	Análise do conteúdo de Educação Sexual em cursos de formação continuada mediados pela tecnologia	Análise do conteúdo de Educação Sexual em cursos de formação continuada mediados pela tecnologia
Pesquisa 7: Análise da formação e da prática em educação sexual de professores/as de ciências e biologia de escolas estaduais de Macapá/AP.	Educação sexual e Formação docente	Análise da formação e prática docente em Educação sexual no Ensino fundamental II e Ensino Médio	Análise da formação e prática docente em Educação sexual nos anos iniciais do Ensino Fundamental	Análise da formação e prática docente em Educação sexual nos anos iniciais do Ensino Fundamental
Pesquisa 8: Educação em	Educação em Sexualidade e	Educação em Sexualidade e	Educação em Sexualidade e	Educação em Sexualidade e

sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do Ensino Infantil.	docência na Educação infantil	docência na Educação infantil	docência na Educação infantil	docência na Educação infantil
Pesquisa 9: A reprodução das desigualdades de gênero nos contos de fadas/maravilhosos como marcas circunscritas na educação infantil.	Contos de fadas/maravilhosos, Gênero	Análise de concepções e práticas docentes na Educação Infantil	Análise de concepções e práticas docentes na Educação Infantil	Análise de práticas pedagógicas

Os dados apresentados no quadro acima ilustram a potencialidade dos estudos no desenvolvimento de investigações que abordam a amplitude das temáticas relacionadas à sexualidade, a educação sexual e a relação de gênero no contexto escolar e mobilizadas a pensar a formação inicial e continuada dos educadores.

As dissertações apresentam como universo de pesquisa as escolas de Educação Básica, com ênfase na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. O desenvolvimento do recorte e problematização de cada pesquisa acompanham a perspectiva do currículo escolar, especificidades da formação docente e a faixa etária dos alunos. A cada

pesquisa contemplamos um universo de posicionamentos e desdobramentos condizentes com os espaços, atividades, conteúdo e influências da cultura escolar e social.

No contexto da riqueza da diversidade temática verificamos a sistematização da literatura especializada referente ao campo da Sexualidade, Educação Sexual e Gênero. Essa percepção convalidou a ideia das pessoas como material de estudo e formação docente na área da Educação Sexual.

Estabelecemos novos parâmetros para analisar as dissertações e no quadro abaixo direcionamos nossas análises na elucidação das similaridades e diferenças temáticas nas pesquisas investigadas.

Quadro 4

Similaridades e diferenças nas pesquisas analisadas sobre sexualidade, educação sexual e gênero

Tema	Similaridades temáticas	Diferenças temáticas
Sexualidade	Todas as pesquisas fazem análise de Concepções	Três estudos (Pesquisas 1, 4 e 5) apresentam estratégias e ações de intervenção no contexto da pesquisa
Educação sexual	Todas as pesquisas fazem análises de concepções e apresentam a literatura da área	Dois estudos (Pesquisas 4 e 5) explicitam práticas em Educação Sexual e analisam o impacto no contexto da pesquisa

Gênero	Todas as pesquisas fazem análises de concepções e apresentam a literatura da área	Quatro estudos (Pesquisas 1, 4, 5 e 9) apresentam estratégias e ações de intervenção no contexto da pesquisa
--------	---	--

A análise dos dados de similaridades e diferenças entre as pesquisas nos levou a duas constatações relevantes. A primeira diz respeito àquilo que foi comum no encaminhamento dos estudos e a outra no tocante a diferenciação e inovação no desenvolvimento.

No tocante a similaridade todas as pesquisas apresentam no estudo, em sua totalidade ou de forma parcial a investigação do contexto escolar direcionada pela escuta das concepções dos educadores em relação aos temas de Sexualidade, Educação Sexual e Gênero. No que se referem aos resultados todas as pesquisas anunciam as lacunas na formação inicial, a ausência de propostas consistentes de formação continuada e o despreparo dos educadores no enfrentamento das situações e nas demandas da temática no cotidiano escolar vinculadas à Educação Sexual.

Ao investigarmos as diferenças ou inovações nos estudos encontramos um dado importante para a avaliação do impacto dos estudos na ciência e na sociedade. Apesar da relevância dos mapeamentos de concepções dos educadores encontrados em todos os estudos, o diferencial, somado a ideia de inovação foram três estudos (Pesquisa 1, 4 e 5) que desenvolveram o mapeamento da temática no universo escolar e, também fomentaram ações de intervenção por meio da elaboração de materiais pedagógicos (jogos, livros, brinquedos, atividades lúdicas) e de estratégias de ensino. Estes estudos além de sistematizarem um plano teórico das temáticas, analisaram as concepções dos educadores e assumiram ações de intervenção que foram por sua vez relevantes para avaliar a importância do pensar práticas

pedagógicas no universo escolar focando a formação de docentes e discentes para uma sociedade pautada no respeito à diversidade e a defesa da sexualidade como elemento relevante para a constituição de nossa identidade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos nesta pesquisa os desafios de averiguar que realmente as pesquisas precisam se debruçar na investigação da formação docente para o fortalecimento e legitimidade da importância da Educação Sexual no processo de formação humana, escolar e social. De todo modo, o resultado do presente estudo almeja possibilitar uma avaliação da produção inicial de dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual UNESP Araraquara, no tocante aos enfrentamentos relacionados de forma específica à formação inicial e continuada dos professores na área da Sexualidade e Educação Sexual e a forma como as pesquisas vêm se configurando e as possíveis inovações para a área. Acreditamos que o Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual possibilita a visibilidade à comunidade acadêmica e aos/as professores/as dos diferentes níveis de ensino o acesso aos conhecimentos, concepções, estratégias e intervenções no que se referem diretamente à educação sexual e a formação de professores.

Traçamos um panorama das dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual que podem subsidiar propostas em educação sexual no ensino escolar. A proposta é mostrar aos docentes que existem formas de se trabalhar a temática diante de qualquer disciplina ou situação vivenciada na instituição de ensino em conjunto com os questionamentos abaixo:

- É fato que muitos docentes não receberam em sua graduação uma formação para se trabalhar a educação sexual no ambiente escolar. Quais medidas poderiam contribuir para mudar essa realidade?
- Como os/as professores/as lidam com situações e conteúdos que envolvem a sexualidade como tema central?

- Como ajudar esses/as professores/as a trabalhar a temática? Que tipo de material pode ser útil para facilitar o trabalho daquele/a professor/a que tem interesse em desenvolver ações em educação sexual?

Acredita-se, ainda, que se oferecida formação para os docentes pode ser desenvolvido um trabalho relevante, podendo contribuir até mesmo para as relações diárias vivenciadas. Supondo que as ações em educação sexual no espaço escolar são escassas e pontuais e que muitas vezes refletem nas próprias pedagógicas.

Supõe-se a falta de uma política pública específica e com objetivo bem delineado, com o objetivo de incluir a educação sexual no currículo das escolas de forma efetiva.

A contribuição que o Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual pode oferecer aos docentes com a divulgação de pesquisas que dizem respeito às práticas pedagógicas em educação sexual é fundamental para compartilhar experiências e incentivar tais práticas.

Em suma almejamos que o presente estudo possibilite a sistematização e validação da importância dos estudos desenvolvidos no Programa de Educação Sexual e contribua para posicionamentos acerca da formação inicial e continuadas reflexivas, compartilhando assim diversas experiências, sem distinções que aspire às pluralidades da criança ao adulto, excluindo-se, portanto, generalizações, regulações e padronizações, as quais produziram e continuam produzindo, distinções, desigualdades e exclusão social, sobretudo, na escola.

REFERÊNCIAS

- Argenti, P., & Milani, D. (2017). Educação sexual e docência: as relações de gênero, a diversidade e a sexualidade dentro da escola. *DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 19(2), 212-223.
- Augustini, E.R.N. (2015). *Contos de fadas no ensino fundamental I: analisando os recursos empregados e as estratégias que podem ser adotadas pelas/os docentes na desconstrução de estereótipos sexistas*. (Dissertação de mestrado). UNESP. Araraquara. São Paulo. Brasil.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa. Edições 70.
- Bedin, R. C. (2016). *A história do Núcleo de Estudos da Sexualidade e sua participação na trajetória do conhecimento sexual na Unesp*. (Dissertação de mestrado). UNESP. Araraquara. São Paulo. Brasil.
- Barrozo, A.Z.S. (2015). *A educação sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores*. (Dissertação de mestrado). UNESP. Araraquara. São Paulo. Brasil.
- Borges, R.C.V. (2017). *Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do ensino infantil*. (Dissertação de mestrado). UNESP. Araraquara. São Paulo. Brasil.
- Braga, E. R. M. (2009). *Sexualidade infantil: A importância da formação de professores (as) na questão de gênero*. In: Carbello, S. R. C., & Comar, S. R. (Orgs.). *Educação no século XXI: Múltiplos desafios*. (p.133). Maringá, SP: Eduem.
- Camargo, A. M. F., & Ribeiro, C. (1999). *Sexualidade(s) e infância(s): A sexualidade como tema transversal*. Campinas, SP: Universidade de Campinas.
- César, M. R. A. (2009). Lugar de Sexo é na Escola? Sexo, sexualidade e educação sexual. In: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de

- Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. *Sexualidade*. (pp.49-58). Curitiba, PR: SEED – Pr.
- Costa, I.S. (2016). *Análise da formação e da prática em educação sexual de professores/as de ciências e biologia de escolas estaduais de Macapá/AP*. (Dissertação de mestrado). UNESP. Araraquara. São Paulo. Brasil.
- Ferrarezi, C. J. (2013). *Guia do trabalho científico: do projeto à redação final: monografia, dissertação e tese*. São Paulo, SP: Contexto.
- Ferreira, G.R. (2015). *Cursos de formação continuada em educação sexual que empregam as tecnologias digitais*. (Dissertação de mestrado). UNESP. Araraquara. São Paulo. Brasil.
- Fernandes, K.N. (2015). *Música e infância: compreendendo o significado da sexualidade através da Educação Musical*. (Dissertação de mestrado). UNESP. Araraquara. São Paulo. Brasil.
- Figueiró, M.N.D. (1999). *Educação sexual no dia a dia: 1ª coletânea*. Londrina, PR: Moriá Gráfica e Editora Ltda.
- Figueiró, M.N.D. (2001). *A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista. Marília.
- Figueiró, M. N. D. (2006). Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. *Linhas*, 7(1). Recuperado em 1 de fevereiro de 2018 de <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>
- Figueiró, M. N. D. (2013). *Educação sexual no dia a dia*. Londrina, PR: Eduel.
- Figueiró, M. N. D. (2014). *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. (2ª. ed. rev., atualizada e ampliada. Londrina: Eduel.
- Furlani, J. (2011). *Educação sexual na sala de aula: Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte, MG: Autentica.

- Gil, A. c. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Guimarães, I. (1995). *Educação sexual na escola: Mito ou realidade* (Coleções Dimensões da Sexualidade). Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Kupermann, D. (1999). Afinal o que fazer com o “Juquinha”?. In: Dunley, G. (Org.). *Sexualidade e educação: Um diálogo possível?*. (pp.69-100). Rio de Janeiro: Gryphus.
- Leão, A. M. C. (2009). *Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da Unesp-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos*. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, Brasil.
- Louro, G. L. (2008). *Um corpo estranho: Ensaio sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, MG: 15 Autêntica.
- Louro, G. L. (2014a). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. (16 ed.). Petrópolis: Vozes.
- Lucifora, C. A. (2017). *A reprodução das desigualdades de gênero nos contos de fadas/maravilhosos como marcas circunscritas na educação infantil*. (Dissertação de Mestrado). UNESP. Araraquara. São Paulo. Brasil.
- Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2011). Educação Sexual: princípios para ação. *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 15(1), pp. 75-84.
- Miskolci, R. (2010). Sexualidade e orientação sexual. Em R. Miskolci, *Marcas da diferença no ensino escolar* (pp. 75-111). São Carlos, SP: EDUFSCar.
- Moreira, D.A.F. (2015). *Compreendendo a sexualidade infantil nas relações de gênero: o lúdico como estratégia educativa*. (Dissertação de mestrado). UNESP. Araraquara. São Paulo. Brasil.
- Paiva, V. (2000). *Fazendo arte com camisinha: Sexualidades jovens em tempo de Aids*. São Paulo: Summus.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural e orientação sexual. Temas transversais. (1997). (3a ed., Vol. 10). Brasília: MEC/SEF.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos - apresentação dos temas transversais. (1998). Brasília: MEC/ SEF.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais e ética. (2000). (2a ed., Vol. 8). Rio de Janeiro: DP&A.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural e orientação sexual. (2000). (2a ed., Vol. 10). Rio de Janeiro: DP&A.

Ribeiro, P. R. M. (1990). *Educação sexual além da informação*. São Paulo: E.P.U.

Ribeiro, P. R. M. (2002). *Sexualidade e educação sexual: Apontamento para uma reflexão* (Série Temas em Educação Escolar, n. 4). São Paulo: Cultural Acadêmica.

Ribeiro, P. R. M. (Org.). (2004). *Sexualidade e educação: Aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciências.

Ruis, F.F. (2015). *Ser menino e menina, professor e professora na educação infantil: um entrelaçamento de vozes*. (Dissertação de mestrado). UNESP. Araraquara. São Paulo. Brasil.

Sayão, Y. (1997). *Orientação sexual na escola: Os territórios possíveis e necessários*. In: Aquino, J. G. (Org.). *Sexualidade na escola: Alternativas teóricas e práticas*. (pp.107-118). São Paulo: Summus.

Vitiello, N. (1997). *Quem educa o educador: Um manual para jovens, pais e educadores*. São Paulo: Inglu.

Werebe, M. J. G. (1998). *Sexualidade, política e educação*. Campinas, SP: Autores Associados.